

O EROTISMO E O AMOR FEMININO EM ADÉLIA PRADO

EROTICISM, LOVE AND THE FEMININE IN ADÉLIA PRADO

Francisca Kellyane Cunha Pereira¹

RESUMO: O presente artigo busca analisar as aparições do erotismo na poesia de Adélia Prado, enquanto forma de libertação feminina através do corpo. Ao longo do tempo, a sexualidade da mulher foi tomada como tabu e símbolo de mistério, flutuando entre negação e sedução. Na escrita visceral de Adélia Prado, podemos perceber o erotismo no cotidiano, com o eu lírico feminino que vê beleza e sensualidade nas ações rotineiras das pessoas comuns. Ao lado do amor e da religiosidade, Adélia propõe o erotismo como algo natural na vida das pessoas, em especial das mulheres. Via de libertação e humanização do eu poético que ama com simplicidade, mas tem desejos e exala sensualidade. Como arcabouço teórico, utilizaremos os textos de Octavio Paz (1994), Michelle Perrot (2004) e David Le Breton (2009); os escritos de Georges Bataille (1987), acerca do erotismo, e de Affonso Romano de Sant'Anna (2019), sobre a produção poética de Adélia Prado. Os poemas que compõem o *corpus* serão retirados do livro *Poesia reunida* (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Adélia Prado; Erotismo; Corpo; Poesia.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the appearances of eroticism in Adélia Prado's poetry, as a form of female liberation through the body. Over time, women's sexuality has been taken as a taboo and symbol of mystery, fluctuating between denial and seduction. In Adélia Prado's visceral writing, we can perceive eroticism in everyday life, with the female lyrical self that sees beauty and sensuality in the routine actions of ordinary people. Along with love and religiosity, Adélia proposes eroticism as something natural in people's lives, especially women. It is a way of liberation and humanization of the poetic self that loves with simplicity, but has desires and exudes sensuality. As a theoretical framework, we will use the texts of Octavio Paz (1994), Michelle Perrot (2004) and David Le Breton (2009); the writings of Georges Bataille (1987), on eroticism, and Affonso Romano de Sant'Anna (2019), on the poetic production of Adélia Prado. The poems that make up the corpus will be taken from the book *Poesia reunida* (2019).

KEYWORDS: Adélia Prado; Eroticism; Body; Poetry.

Se olho atentamente a erva no pedregulho

¹Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Ceará – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6202-0574>. E-mail: kellyanefkcp@gmail.com.

*uma voz me admoesta: mulher! mulher!
como se me dissesse: Moisés! Moisés!
Tenho missão tão grave sobre os ombros
e quero só vadiar.*

Adélia Prado

1. INTRODUÇÃO

A mulher é objeto da poesia desde a Antiguidade grega, sendo alvo de sátiras, fonte de inspiração de beleza, imagens de deusas ou carregadas de culpa nos mitos. Descritas por homens, as mulheres flutuam no interlúdio entre santificadas ou demoníacas, levando os homens ao espaço divino ou condenando-os à eterna purgação. Tais explorações de representação da imagem feminina são reflexo dos contratos sociais que estabelecem a mulher como subalterna em uma hierarquia de gêneros. Assim, as diversas instituições sociais como, família, casamento, igreja e escola, criam narrativas e tabus ao redor do corpo, da beleza e da sexualidade feminina. As roupas, a fala e o comportamento são padronizados e punidos quando divergem das convenções sociais.

Sendo assim, o estudo de poesia produzida por mulheres é uma forma de libertação e reorganização do *status quo*. A mulher escrevendo sobre si mesma é realista e capaz de “carregar bandeiras”.

Nesse cenário, emerge a escrita de Adélia Prado, que apresenta uma imagem da mulher sem grandes artifícios, como ser sexual e capaz de enxergar a beleza nos espaços cotidianos. A transgressão da escrita em sua poética se dá, além da linguagem, através da construção de imagens que mostram o erotismo e o amor como naturais na vida das pessoas.

Em sua produção poética, Adélia Prado encontra temáticas que vão desde o religioso, em obras como *O coração disparado* (1977) e *Terra de Santa*

Cruz (1981), a poemas de cunho erótico e amoroso, como visto já em seu livro de estreia *Bagagem* (1976). Sua escrita muito difere das produções a ela contemporâneas, durante o Modernismo brasileiro, captando a feminilidade em meio a palavras “pouco poéticas”, como no poema “Objeto de amor”, que nos apresenta a seguinte descoberta: “cu é lindo! /Fazei o que puderdes com esta dádiva. /Quanto a mim dou graças /pelo que agora sei /e, mais que perdoo, eu amo” (PRADO, 2019, p. 240). Nesse “objeto de amor”, cercado por tabus e constantemente evitado nos meios literários, a poetisa traz para o fazer poético o confronto lexical entre o vulgar e o vocabulário católico (dádiva, perdão e graça). Assim, O sagrado, o profano, o comum, as súplicas de órfã, a família e o amor se entrecruzam na poética adeliana.

Além do erotismo vivo, podemos perceber em seus poemas o amor em sua vertente bela. Ao lado da religiosidade da mulher temente a Deus e do amor por sua comunidade, sendo essas outras formas de amar, observa-se também o espaço de tranquilidade no envolvimento amoroso. Através da liberdade da linguagem, Adélia explora o ser feminino e o erotismo nele envolto, livrando-se dos padrões sociais preestabelecidos, mas também amando com simplicidade e profundidade, sem cair em pieguices ou repetições. O equilíbrio entre a graça e a gravidade se encontram nessa poesia forte, erótica, sugestiva e corporal.

2. MULHER: ENTRE OBJETO E DONA DA VOZ

A representação da mulher na literatura de autoria masculina é sempre o desejo do desejo de seu herói, não a mulher real. Assim, a mãe, a amada e a esposa são modelos ideais a serem seguidos. Petrificada nessas idealizações, a mulher é construída através de equívocos e paradoxos, afinal, segundo Ruth Silviano Brandão (2004), “não se sabe o que diz porque o sujeito da enunciação é um outro”. Por outro lado, em escritos femininos, as mulheres ganham novas aparências, novos caminhos e deixa o lugar de passageira silenciada. Por meio

das vozes femininas, a mulher é construída sem utopias, distanciando-se dos enganos e estereótipos reiterados no tempo.

Pensando na construção da imagem feminina e no que é ser uma mulher, nos deparamos com diversos autores que tentam qualificar ou definir o gênero feminino. Seria uma expressão física ou psicológica? Devemos nos deter na aparência corporal ou no sentimento individual capaz de definir um indivíduo? E ainda, estamos falando de um conceito ou várias abordagens distintas? Susana Bornéo (2011), problematizando alguns termos de definição de gênero, defende o “corpo como situação”, ou seja, o feminino é construído socialmente a partir de uma experiência vivida e, por isso mesmo, a identidade está em constante construção. Segundo a autora:

Retomando, então, nossa explicação provisória do que é uma mulher, podemos modificá-la, ainda que também provisoriamente, dizendo que uma mulher é um ser humano concreto, entendido culturalmente como feminino em certo momento ou lugar, e que precisa negociar sua experiência dentro de construções discursivas que podem ou não comprometer seu completo desenvolvimento como indivíduo (FUNK, 2011, p. 71).

Assim, a definição do que é ser mulher depende do contexto cultural e da negociação de sua experiência feminina, sendo, portanto, uma categoria construída. Além disso, para Le Breton (2009), as qualidades atribuídas ao sexo dependem diretamente das escolhas sociais e culturais, e não de traços biológicos, que fixam ao homem e à mulher um destino natural. O sociólogo defende ainda que as diferenças entre homens e mulheres depende “do sistema de expectativas sociais que lhes atribui preferencialmente papeis aos quais estão sujeitos os sujeitos educativos e os modos de vida” (LE BRETON, 2009, p. 66). Sendo assim, o corpo feminino, não por motivos biológicos ou faculdades inatas, mas por convenções sociais e hierarquias de grupo, está destinado a exercer um papel social subalterno e, por isso, diversas vezes silenciado.

Ao contrário do que se espera, a mulher na poesia de Adélia já não pretende se adequar aos parâmetros sociais ou ser o que esperam que ela seja: “Eu sou feita de palha, /mulher que os gregos desprezariam? /Eu sou de barro e oca. /Eu sou barroca” (PRADO, 2019). Em vez de aceitar os padrões preestabelecidos, o eu lírico feminino adeliانو não se enquadra nas amarras que diminui e inferioriza a mulher. Assim, surge o questionamento: Ser mulher é ser doida ou santa?

A SERENATA

Uma noite de lua pálida e gerânios
 ele viria com boca e mão incríveis
 tocar flauta no jardim.
 Estou no começo do meu desespero
 e só vejo dois caminhos:
 ou viro doida ou santa.
 Eu que rejeito e exprobo
 o que não for natural como sangue e veias
 descubro que estou chorando todo dia,
 os cabelos entristecidos
 a pele assaltada de indecisão.
 Quando ele vier, porque é certo que vem,
 de que modo vou chegar ao balcão sem juventude?
 A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
 — só a mulher entre as coisas envelhece.
De que modo vou abrir a janela, se não for doida?
Como a fecharei, se não for santa?

(PRADO, 2019, p. 63, grifo nosso).

Na poesia de Adélia é ser ambas: doida e santa. Ser mulher é ter em si a castidade e a indecência e esse pensamento toma forma através da linguagem

utilizada pela poetisa e pelas imagens construídas em relação ao corpo e o erotismo nas ações cotidianas. Nas provocações de Michelle Perrot (2007), a partir do perfil histórico das mulheres, especialmente, tratando sobre o corpo feminino e seus cerceamentos, a autora elabora uma série de argumentos sobre as várias violências sofridas pelas mulheres desde a infância, passando pelas esferas religiosa, familiar e social. Pensando nisso, o controle dos corpos femininos se dá, comumente, através de suas aparências. “A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. Ou seja, a mulher é feita de aparências” (PERROT, 2007, p. 49).

O estímulo de comportamento que as mulheres recebem é o silêncio, por isso sua imagem deve ser privilegiada. E, não se pode esquecer: “Ninguém tem o direito de ser feia” (idem). Em vez de silenciamento, as mulheres de Adélia falam alto, sabem conversar sobre literatura e não se reduzem à velhice que parece se aproximar. No lugar de aparências, o eu lírico se orgulha do que possui:

MULHERES

Ainda me restam coisas
mais potentes que hormônios.
Tenho um teclado e cito com elegância
Os Maias, A Civilização Asteca.
Falo alto, às vezes, para testar a potência,
afastar as línguas de trapo me avisando da velhice:
‘Como estás bem!’
Aos trinta anos tinha vergonha de parecer juvenzinha,
idade hoje em que as mulheres ainda maravilhosas se processam
ácidas e perfeitas como a legumes no vinagre.
De qualquer modo, se o mundo acabar
a culpa é nossa.

(PRADO, 2019, p. 404).

Ressalta-se que, tratando da idade das mulheres, no fim da vida feminina, nos deparamos com a menopausa: “tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade, segundo as concepções do século XIX” (PERROT, 2007, p.48). Sobre isso, é possível refletir, além do poema citado acima: “Falo alto, às vezes, para testar a potência, /afastar as línguas de trapo me avisando da velhice: /‘Como estás bem!’” (PRADO, 2019). O eu lírico, através de sua voz, permanece e é ouvida, sendo a velhice algo que não a limita. Também, no trecho que segue abaixo do poema “*Dolores*”, observa-se a ponderação sobre a passagem do tempo e a persistência da beleza e do erotismo na vida comum. Encarando o cotidiano como espaço de sensualidade e sutilezas, é possível se enxergar como mulher e estar satisfeita com seu lugar no mundo, ainda que o tempo tenha passado:

DOLORES

Hoje me deu tristeza,
 sofri três tipos de medo
 acrescidos do fato irreversível:
 não sou mais jovem.
 Discuti política, feminismo,
 a pertinência da reforma penal,
 mas ao fim dos assuntos
 tirava do bolso meu caquinho de espelho
 e enchia os olhos de lágrimas:
 não sou mais jovem.
 [...]

Mas não quero. Exijo a sorte comum das mulheres nos tanques,
 das que jamais verão seu nome impresso e no entanto
 sustentam os pilares do mundo, porque mesmo viúvas dignas
 não recusam casamento, antes acham o sexo agradável,
 condição para a normal alegria de amarrar uma tira no cabelo
 e varrer a casa de manhã.
 Uma tal esperança imploro a Deus.

(PRADO, 2019, p. 142).

Neste excerto, podemos relacionar o pensamento de Guacira Lopes Louro (2018, p. 70) que nos diz que, ao longo dos anos, as sociedades buscam estabelecer a divisão entre o masculino e o feminino e, dessa maneira, impor aos corpos determinados lugares e papéis. A sexualidade feminina, por exemplo, é um grande mistério, polarizada entre Avidéz e Frigidez. Enquanto o desejo sexual masculino é estimulado e justifica-se como algo “natural”, para as mulheres é um assunto indevido e a virgindade amplamente valorizada. Ou seja, “o corpo das mulheres é objeto e valor” (PERROT, 2007, p. 80), sendo vigiado e violentado por diversas esferas sociais: família, religião e Estado.

3. DOIDA, SANTA OU MULHER DO POVO

Em seus escritos, destaca-se o fato de que Adélia Prado não usa linguagem de empréstimo dos homens, nem se prende a lugares comuns na poesia. Em sua obra, captamos a essência feminina sem subterfúgios, como em alguns de seus conhecidos versos do poema “Licença poética”, que nos diz: “Quando nasci um anjo esbelto, /desses que tocam trombeta, anunciou: /vai carregar bandeira. /Cargo muito pesado pra mulher, /esta espécie ainda envergonhada. /[...]/Mulher é desdobrável. Eu sou” (PRADO, 2019). A escrita adeliana se afasta da maneira masculina de ver o mundo.

A sociedade de uma forma geral, por meio da mídia, das propagandas, do cinema e das músicas, delimita os espaços eróticos do homem e da mulher de forma dicotômica. Assim, segundo Francesco Alberoni (1986), o erotismo masculino é visual e genital, enquanto para a mulher é tátil e sonoro. Essa visão reprime muito a capacidade de relação de ambos os sexos, delimitando o que é permitido ou não nas expressões do erotismo. Pensando nessas construções da sexualidade, o poema abaixo mostra o eu lírico descobrindo sua capacidade de viver o sexo de forma livre, descobrindo que “não somos anjos”, ainda que tardiamente:

TROTTOIR

Minhas fantasias eróticas, sei agora, eram fantasias de céu.
Eu pensava que sexo era a noite inteira
e só de manhãzinha os corpos despediam-se.
Para mim veio muito tarde
a revelação de que não somos anjos.

(PRADO, 2019, p. 181).

Nessa questão, destaca-se na obra poética de Adélia Prado o tratamento do erotismo como outra forma de apresentar o feminino. O corpo feminino em suas mais diversas nuances é tomado como belo e erótico. Quase sempre partindo do cotidiano, o erotismo surge despretensioso na poesia de Adélia, levando o leitor a uma revelação desconcertante sobre o desejo pelo olhar da poetisa. No poema “Dádivas”, por exemplo, é possível acompanhar, como uma câmera, situações banais, como as marrecas interagindo com seus filhotes. Entretanto, em meio a essa situação de aparente normalidade, o poema passa a tocar em questões existenciais, utilizando palavras “pouco poéticas”, nos levando a refletir sobre a efemeridade da vida: “De maneira perfeita tudo é bom, /até mulheres boçais amam gerânios, /não se tem certeza de que vamos morrer, /velhas se consentem em suas vulvas, /agradecendo a Deus por seus maridos” (PRADO, 2019). Dessa aparente normalidade surge a necessidade de viver: “Meu corpo me ama e quer reciprocidade” (PRADO, 2019).

Nas palavras de Octavio Paz (1982), a poesia despoja o homem de sua linguagem corriqueira e lhe oferece o retorno à plurissignificação, recriada e transformada. A beleza da escrita de Adélia Prado e, por sua vez, a exaltação do ser feminino erótico se dá na linha tênue entre o ordinário e o sublime. Sua escrita transgressora traz a beleza e a sensualidade da mulher comum, que

limpa sua cozinha, tem marido, filhos e vê em si mesma o erotismo cotidiano: “não recusam casamento, antes acham o sexo agradável” (PRADO, 2019). Nas palavras de Octavio Paz (1982), “o poema é a tentativa de transcender o idioma”, melhor dizendo, a linguagem na poesia é outra, articula-se e levanta-se com outra força, ganhando vida. Assim, toda palavra é matéria de poesia, inclusive as de aparente vulgaridade. Nesse último momento o Modernismo, Adélia traz as linhas de força que retomam o cotidiano, a oralidade, a cultura popular e a linguagem poética para o centro da vida.

Ainda estabelecendo uma oposição entre as produções masculinas e femininas, também o erotismo na linguagem feminina se dá de maneira distinta do que na poesia de autoria masculina. Segundo Lucia Castello Branco (2004, p.100), isso se dá devido à diferença de educação, comportamento e socialização de homens e mulheres na sociedade. Interessante que, apesar de encarar o fato de ter envelhecido, o eu-lírico em diversos poemas vê na vida e na mulher comum algo belo e admirável, que não precisa de subterfúgios ou enganos para ser bonita em seu próprio corpo.

De acordo com Le Breton (2009, p. 70), o corpo reflete o social e este define o corpo, pois, no corpo encontramos as possibilidades sociais e culturais do indivíduo. Assim, se a sociedade reitera estereótipos de beleza e do não belo e adequamos nossos corpos ao meio social e cultural. Todavia, perde-se muito nesse caminho excludente e que preconiza a beleza da exceção e da artificialidade, excluindo também as idades e vivências dos sujeitos. Para Guacira Lopes Louro (2000, p. 17), os corpos constituem-se na referência que ancora na identidade. Espera-se que o corpo expresse a identidade sem ambiguidade ou inconstância.

Através do seu apreço pelo cotidiano, pela vida comum e dessa aparente simplicidade, os poemas adelianos retratam uma renovação. Segundo Octavio Paz (1982), é a poesia que transforma a linguagem, ou seja, a transformação da

matéria cotidiana em “outra coisa”. Isso é visível nos poemas analisados: a transfiguração do que é simples, que, aos olhos desavisados, passaria despercebido, porém, sob o olhar da poetisa, ganha luzes e emerge por meio da linguagem. Para Paz (1982), o poeta se destoa dos demais, é ele o “pão dos escolhidos”, por isso, a beleza do dia a dia é tirada da escuridão e trazida à luz. Acerca desse aspecto na poética de Adélia Prado, Cristian Pagoto (2008) nos diz que a poetisa

Vê poesia no supermercado e na lista de compras, nas goiabeiras e no perfume das bananeiras, na flor miudinha e nos alvos linhos. Essa descrição biográfica poderia representar um paradoxo com seus textos eróticos pouco comuns na tradição literária. Na verdade, insere-se como um paradoxo, pois se há poemas que falam da Virgem Maria, há, por outro lado, poemas que mostram a mulher fornida em sua cama (PAGOTO, 2008, s/p).

Adélia se definia como “mulher do povo”, mãe de cinco filhos, que faz a própria comida, que bate o osso no prato para chamar o cachorro e atira os restos, que tem o caderno de poesia ao lado do fogão. Em sua poesia vemos o comum que nos agarra e nos surpreende com uma verdade revelada, uma epifania desnorteante. Segundo Romano de Sant’Anna (2019, p.486), “o primeiro mérito de seus versos é pular por cima dessa poesia cerebral e enjoada que se fez no Brasil nos últimos vinte anos, que recria a vida do interior mineiro através de uma dicção inovadoramente feminina”. Em meio à simplicidade, se encontra a experiência feminina de Adélia. Cabem em sua paisagem ambiental as comadres, as santas Missões, o angu, as formigas e as pessoas descascando laranja na sombra das árvores. No poema abaixo, podemos observar a normalidade primordial que suscita mais uma vez o erotismo:

DIA

As galinhas com susto abrem o bico

e param daquele jeito imóvel
— ia dizer imoral —,
as barbelas e as cristas envermelhadas,
só as artérias palpitando no pescoço.
Uma mulher espantada com sexo:
mas gostando muito.

(PRADO, 2019, p. 130).

É nesse espaço de aparências simples que Adélia introduz o erotismo de sua escrita. Romano Sant’Anna (2019) defende que a poeta descobre a mulher concreta dentro de si. Há uma tensão sexual na poesia de Adélia, algo implícito, mas que percorre os seus versos e chega ao leitor como um espaço erótico e vital. Parte dessas sensações se devem às descrições cheias de sentidos e voluptuosidade com que trata do corpo masculino e feminino. “Trata-se de ir descobrindo, mais que isto, desvelando o sexo das trapaças cotidianas e recolher a todo instante a vida que recalamos” (SANT’ANNA, 2019, p. 488). Podemos perceber esses traços nos seguintes versos do poema “Bairro”:

BAIRRO

O rapaz acabou de almoçar
e palita os dentes na coberta.
O passarinho recisca e joga no cabelo do moço
excremento e casca de alpiste.
Eu acho feio palitar os dentes,
o rapaz só tem escola primária
e fala errado que arranha.
Mas tem um quadril de homem tão sedutor
que eu fico amando ele perdidamente.
Rapaz desses
gosta muito de comer ligeiro:
bife com arroz, rodela de tomate

e ir no cinema
 com aquela cara de invencível fraqueza
 para os pecados capitais.
 Me põe tão íntima, simples,
 tão à flor da pele o amor,
 o samba-canção,
 o fato de que vamos morrer
 e como é bom a geladeira,
 o crucifixo que mamãe lhe deu,
 o cordão de ouro sobre o frágil peito
 que.
 Ele esgravata os dentes com o palito,
 esgravata é meu coração de cadela.

(PRADO, 2019, p. 130).

Neste poema, destaca-se a capacidade do eu lírico em captar a sensualidade e a beleza de um homem comum, um homem que palita os dentes, “só tem a escola primária e fala errado que arranha”. É este sujeito, preso em sua vida banal, que a faz ficar à flor da pele e pensar em intimidades cotidianas. Em uma visão romântica e um tanto idealizada, Octavio Paz (1994) defende que amor é escolha, enquanto erotismo é aceitação. Amor, para o autor, seria a atração por um corpo, mas também por uma alma, o desejo pelo outro inteiro. O eu lírico de Adélia Prado mistura esses conceitos quando relaciona o corpo como motivação do amor: “Mas tem um quadril de homem tão sedutor /que eu fico amando ele perdidamente”. O que vemos não é o amor da maneira definida por Octavio Paz, mas um erotismo tão corporal que, nos últimos dois versos, torna-se quase obsceno: “Ele esgravata os dentes com o palito, /esgravata é meu coração de cadela.”. Essa mulher já é mais a “espécie ainda envergonhada”, de “Licença Poética”, é uma mulher fêmea, que não ama a alma, mas o corpo daquele que lhe desperta desejos. Essa carga erótica também é percebida no seguinte poema:

A MAÇÃ NO ESCURO

[...]

Meu sexo, de modo doce,
turgindo-se em sapiência,
pleno de si, mas com fome, em forte poder contendo-se,
iluminando sem chama a minha bacia andrógina.
Eu era muito pequena,
uma menina-crisálida.
Até hoje sei quem me pensa
com pensamento de homem:
a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes,
em carne de amor, a fruta.

(PRADO, 2019, p. 133).

Nessa obra sugestiva e não explícita, percebe-se uma atmosfera sexual sem, no entanto, nos dar conclusão de ato, afinal, a beleza da poesia reside na imaginação e não explicação do mundo: “reage em vagas excêntricas, /vagas de doce quentura /de um vulcão que fosse ameno”. Percebe-se também a presença do erótico feminino com coragem e força poética, através de temas universais que se escondem no habitual. O eu lírico feminino em “carne de amor” está atenta e aberta para o encantamento amoroso, reconhecendo sem pudor quem também deseja como mulher.

Citando mais uma vez Octavio Paz (1982), “o poeta põe em liberdade sua matéria”: a linguagem. Por meio da poesia, Adélia extravasa o erotismo feminino

capaz de tocar leitores de qualquer tempo ou lugar. A capacidade de erotizar o discurso, ou de escrever com o corpo, como num ato de entrega total, também já foi aventada como característica da escrita feminina (BRANCO, p. 103). Em sua poesia, vemos a família, Deus, sua casa, sua comunidade, seu corpo e todas as relações eróticas estabelecidas, conforme Cristian Pagoto (2008, s/p) sugere: “A mulher não está cometendo pecado durante o ato sexual, mas está louvando a criação divina, louvando a Deus e instituindo uma dimensão sagrada ao ato erótico [...]. Por isso, diz que “erótico é a alma”.

4. A FACE BELA DO AMOR

Seguindo a perspectiva do erotismo, Bataille (1987, p. 72) nos diz que este “deixa entrever o avesso de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: no avesso revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente vergonha”. No espaço do casamento, o erotismo torna-se sensível. Também o amor é construído diariamente na intimidade. Tomaremos aqui a ideia de amor como algo que flui, que é dinâmico, com movimento, que nos leva ao outro, nos fazendo sair de nós mesmos, e, além disso, tem como ponto primordial a reciprocidade.

Nessa perspectiva, as figuras familiares na poesia de Adélia Prado são também expressões desse amor nas sutilezas diárias, como no poema **Ensinamento**, no qual aparece a figura da mãe preparando pão e café para seu pai que trabalhava até tarde. O amor não precisa ser gritado ou declamado aos quatro ventos, pois as ações rotineiras dizem muito mais: “Não me falou em amor. /Essa palavra de luxo” (PRADO, 2019, p. 87). O ato de cuidar e querer estar junto carrega um simbolismo profundo, pois aqui Adélia defende que “A coisa mais fina do mundo é o sentimento” (idem).

Na mesma linha dos ensinamentos familiares sobre o amor, Adélia aponta para a beleza do cotidiano, conforme sugere o poema **Casamento**, no

qual memória e atualidade se entrelaçam no ambiente da cozinha, onde a cena comum de limpar os peixes é carregada de sentimento e delicadeza conjugal. Diferindo do que a maioria das mulheres falam, o eu lírico cria sua própria versão moderna de vida a dois. Em vez de criar um espaço de hierarquia e divisão do trabalho, destaca-se o prazer na companhia do outro, de ouvir suas histórias e compartilhar a intimidade a dois. Segue o poema:

CASAMENTO

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

**É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram**

ele fala coisas como ‘este foi difícil’,
‘prateou no ar dando rabanadas’
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:

somos noivo e noiva.

(PRADO, 2019, p. 188, grifo nosso).

A memória resgata o sentimento primordial: “somos noivo e noiva”. O toque accidental dos cotovelos cria uma descarga erótica no ambiente que é aprofundada pela conversa íntima do casal em um espaço da casa de grande afetividade. Aqui, o casamento ganha uma roupagem diferente daquela propagada pelo senso comum: rotina, distanciamento ou silêncios. Em vez

disso, percebe-se o prazer de estar a sós e se encontrarem de novo com o mesmo ânimo de noivos, condensando tempo e espaço nas lembranças compartilhadas.

A memória e o casamento são retomados também em outros poemas, nos quais podemos perceber o amor como construção diária, conforme definido por Badiou e Truong (2013), enquanto uma nova experiência de verdade, na qual os sujeitos buscam formas de permanecerem juntos e redescobrir as reciprocidades. Nessa perspectiva, Adélia propõe um amor feinho, que em suma, nada tem feio: “Eu quero amor feinho. /Amor feinho não olha um pro outro. /Uma vez encontrado é igual fé, /não teologa mais” (PRADO, 2019). Nesse amor sem grandes idealizações, não há enganos ou ilusões, nem é preciso racionalizá-lo, pois está posta a construção do que se pensa ser o objeto de amor. É a construção diária que faz com que o sentimento perdure e se edifique.

Apesar de “feinho”, esse amor também reflete um forte desejo sexual vivo: “Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo /e filhos tem os quantos haja. /Tudo que não fala, faz./[...]/Amor feinho é bom porque não fica velho. /Cuida do essencial” (PRADO, 2019). Segundo Octavio Paz (1994), o amor não é belo, mas busca a beleza, acrescento nesse pensamento que o amor nos torna belos, eróticos e vivos. Ou seja, o sentimento amoroso está nos olhos de quem ama e daquele que é amado, afinal, só é possível entender como amor aquilo que é recíproco e que se dá em via de mão dupla. O amor que Adélia descreve é sua face bela, aquele que traz calma, tranquilidade e lugar de paz dentro do outro. Os amantes “feinhos” são amantes e amados ao mesmo tempo.

Vale ressaltar que o amor belo e o erotismo não aparecem na obra adeliana de forma dicotômica, mas sim complementar. Segundo Badiou (2013), o ato sexual é uma das formas de provar o amor materialmente, estando presente na relação amorosa, afinal, quem ama alguém também deseja estar junto e consumir esse sentimento. Assim, na poética de Adélia Prado, percebe-se a fusão do sentimento “puro” e do desejo carnal de concretizar esse amor:

UM JEITO

Meu amor é assim, sem nenhum pudor:
Quando aperta eu grito da janela
— ouve quem estiver passando —
ô fulano, vem depressa.
Tem urgência, medo de encanto quebrado,
é duro como osso duro.
Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas:
quero é dormir com você, alisar seu cabelo,
espremer de suas costas as montanhas pequeninhas
de matéria branca. Por hora dou é grito e susto.
Pouca gente gosta

(PRADO, 2019, p. 68).

Percebe-se no eu lírico o ideal de amar nas coisas simples como dormir juntos e alisar os cabelos do ser amado. Porém, esse amor é também urgência corporal e, tomando um caráter sexual, “é duro como osso”. O erotismo não é, portanto, desvinculado do amor, pelo contrário, é isso que faz com que seja um amor sem nenhum pudor. Segundo Bataille (1987, p.20), “o erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão”. Encaramos nosso objeto de desejo, não apenas por sua aparência externa, mas também por seu interior ou por aquilo que projetamos ser o seu interior.

Por último, destaca-se nessa perspectiva bela do amor, o poema “Para o zé”, publicado a primeira vez no livro *Bagagem* (1976). Nesse longo poema, podemos perceber a sutileza do sentimento amoroso, a convivência conjugal e o cotidiano que se entrelaçam na poética intensa de Adélia Prado. Na linguagem utilizada, os temas e as imagens construídas demonstram, além da beleza, a liberdade almejada em uma relação amorosa, onde as individualidades são respeitadas, sendo possível amar o outro em sua integridade. Partindo de imagens cotidianas, o eu lírico vê o amor nas entrelinhas da rotina: “Eu te amo,

homem, hoje como /toda vida quis e não sabia, /eu que já amava de extremoso amor /o peixe, a mala velha, o papel de seda e os riscos /de bordado, onde tem /o desenho cômico de um peixe” (PRADO, 2019). Através da sucessão de imagens banais, percebe-se a construção rotineira do amor; no casamento, na vida a dois e na beleza de enxergar o outro na intimidade.

Esse amor genuíno dedica ao objeto de amor encantamento por todo seu ser: “Eu te amo, homem, amo /o teu coração, o que é, a carne de que é feito, /amo sua matéria, fauna e flora, /seu poder de perecer, as aparas de tuas unhas /perdidas nas casas que habitamos, os fios / de tua barba” (PRADO, 2019). Para Ortega y Gasset (2019), o amor é constituído pelo encantamento, enquanto fascínio pelo outro, e pela entrega, como vontade de sair de si e entregar-se ao ser amado. É esse amor de reciprocidade e entrega que o eu lírico apresenta, amando o seu objeto de amor nas minúcias e situações corriqueiras. O eu lírico declara seu amor a seu “particular homem universal”, único e individual, capaz de desnudar-se e ser inteiro, assim como o amor espera dos amantes.

5. CONCLUSÃO

A mulher como objeto de arte em produções masculinas é idealizada ou estereotipada, sempre distante da realidade. As diversas construções sociais relacionadas à sexualidade masculina ou feminina são reiteradas e perpetuadas por autores masculinos. Buscando se distanciar dessas construções pré-formuladas, surge a poética de Adélia Prado, transgredindo dessas convenções ao propor o erotismo como algo natural na vivência feminina.

Além do erotismo, na escrita de Adélia está presente a face bela do amor, com as sutilezas e delicadezas das relações recíprocas. Também partindo de situações, imagens e cenas cotidianas, o amor em constante construção surge na poesia adeliana com potência. A energia sexual está presente aqui também,

porém não é apenas o desejo que o move, é o encontro de almas metafísico. Observa-se o fascínio pelas minúcias do ser amado, nas situações banais e que deixam na memória aquilo que “imperecível”.

Podemos encarar o tratamento do amor na poesia de Adélia Prado contendo duas faces: Bela e Sublime. Em diversos poemas, ambas são parte do todo, pois o erotismo se instala em todos os espaços e tempos, sendo a energia que coloca tudo em atividade e potencializa os seres. Por sua vez, o amor espiritual é a chama e a entrega do eu lírico, sua capacidade de desejar e admirar o outro em sua completude. A poética de Adélia é a tradução do amor erótico e sentimental, enquanto força vital, aquilo que movimenta os seres, desde o amor devoto a Deus, em suas diversas obras religiosas; passando pela comunidade, com a qual estabelece uma simbiose; até o erótico, consigo mesma e com o outro.

Eis a formação de uma escrita definitivamente feminina, pois é possível perceber a mulher concreta, sem idealizações ou preconceitos, capaz de viver sua sexualidade e assumir o erotismo na vida comum. A linguagem de Adélia sem rodeios, mas nem por isso rasa, retrata a mulher como ela é, sem grandes ideologias. Sua escrita é a alegria de estar viva, sentir-se bonita e erótica. A mulher que envelhece e que tem seus afazeres comuns está no palco, mostrando a sutileza da sensualidade no dia a dia.

Em um tom de conversa, o erotismo das pessoas comuns surge em sua poesia com normalidade, em espaços familiares e habituais. Essa informalidade desconcertante, permeada pela oralidade e eventos memorialísticos, causam no leitor uma maior aproximação. Pensando livremente, Adélia reinventa o cotidiano amoroso, com suas mulheres que permeiam a paisagem ambiental de seus poemas, assim como o sertão mineiro.

Por meio de poemas como “Dia” e “Bairro”, a poetisa coloca no centro do poema a suposta banalidade que revela o erotismo feminino. O homem rude,

com pouca instrução escolar e com erros de português que desperta o desejo íntimo do eu lírico. A poesia surge com ares de confiança, um segredo revelado ao leitor que acaba por conhecer os caminhos tortuosos da alma feminina. Assim, a escrita de Adélia Prado é libertação, dela e das mulheres que se encontram em seus versos, assumindo o erótico e a beleza do corpo feminino livre de padrões.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. *Elogio ao Amor*. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANCO, Lúcia Castello. As incuráveis feridas da natureza feminina. In: BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

BRANDÃO, Ruth Silviano. Passageiras da voz alheia. In: BRANCO, Lúcia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

CAPPELLARI, Jaqueline Alice. *A percepção do cotidiano na poesia de Adélia Prado*. Dissertação de Mestrado em Literatura. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CONCEIÇÃO. Douglas Rodrigues da. Religião, literatura e o eu: interfaces do feminino na estética de Adélia Prado. *Mandrágora*, v. 15, n. 15, São Paulo, 2009. p. 35-43.

FUNCK, Susana Bórneo. O que é uma mulher? *Revista Cerrados*, v. 20, n. 31, 3 out. 2011.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução: Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

ORTEGA Y GASSET, José. *Estudos sobre o amor*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.

PAGOTO, Cristian. As mulheres de Minas: corpo e erotismo na poesia de Adélia Prado. *Revista Travessias*, v.2, n.2, 2008. Disponível em: <http://e->

revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3008. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: Amor e Erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERROT, Michelle. O Corpo. In: PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SANT'ANNA. Affonso Romano de. Adélia: a mulher, o corpo e a poesia. In: PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Recebido em 02/02/2021.

Aceito em 10/06/2021.